



## PSICODRAMA E NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: A CONTRIBUIÇÃO DE MORENO PARA A PSICOPEDAGOGIA CONTEMPORÂNEA

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender as contribuições do psicodrama, conforme proposto por Jacob Levy Moreno, para os processos de aprendizagem e desenvolvimento subjetivo, por meio das narrativas autobiográficas, especialmente no contexto da psicopedagogia. A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica, com base em livro e artigos científicos que tratam da Psicodrama e das Narrativas Autobiográficas. As obras foram analisadas nos aspectos teóricos, históricos e técnicos, evidenciando o valor terapêutico e educativo do psicodrama, sobretudo ao favorecer a espontaneidade, a criatividade e a ressignificação de experiências, por meio da ação dramática. Sendo assim, observou-se que o psicodrama não apenas auxilia na elaboração de conflitos internos, mas também fortalece a construção da autoria de pensamento, ampliando o campo do possível e do pensável nos sujeitos. Portanto, destacam-se o psicodrama como uma abordagem que integra emoção, corpo e linguagem simbólica, sendo especialmente útil em práticas psicopedagógicas voltadas à escuta sensível, ao acolhimento e à promoção da aprendizagem significativa.

**Palavras-chave:** Psicodrama; Narrativa autobiográfica; Psicopedagogia; Criatividade; Espontaneidade.

## PSICODRAMA Y NARRACIONES AUTOBIOGRÁFICAS: LA CONTRIBUCIÓN DE MORENO A LA PSICOPEDAGOGÍA CONTEMPORÁNEA

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comprender los aportes del psicodrama, tal como lo propone Jacob Levy Moreno, a los procesos de aprendizaje y desarrollo subjetivo, a través de narrativas autobiográficas, especialmente en el contexto de la psicopedagogía. La metodología adoptada fue una revisión bibliográfica, basada en libros y artículos científicos que abordan el Psicodrama y las Narrativas Autobiográficas. Las obras fueron analizadas desde aspectos teóricos, históricos y técnicos, destacando el valor terapéutico y educativo del psicodrama, especialmente cuando favorece la espontaneidad, la creatividad y la resignificación de vivencias a través de la acción dramática. Por tanto, se observó que el psicodrama no sólo ayuda en la elaboración de conflictos internos, sino que también fortalece la construcción de la autoría del pensamiento, ampliando el campo de lo posible y pensable en los sujetos. Por tanto, el psicodrama se destaca como un enfoque que integra la emoción, el cuerpo y el lenguaje simbólico, siendo especialmente útil en prácticas psicopedagógicas centradas en la escucha sensible, la acogida y la promoción del aprendizaje significativo.

**Palabras-clave:** Psicodrama; Narración autobiográfica; Psicopedagogía; Creatividad; Espontaneidad.

## PSYCHODRAMA AND AUTOBIOGRAPHICAL NARRATIVES: MORENO'S CONTRIBUTION TO CONTEMPORARY PSYCHOPEDAGOGY

### ABSTRACT

This article aims to understand the contributions of psychodrama, as proposed by Jacob Levy Moreno, to the processes of learning and subjective development, through autobiographical



narratives, especially in the context of psychopedagogy. The methodology adopted was a bibliographic review, based on books and scientific articles that deal with Psychodrama and Autobiographical Narratives. The works were analyzed in theoretical, historical and technical aspects, evidencing the therapeutic and educational value of psychodrama, especially by favoring spontaneity, creativity and the resignification of experiences, through dramatic action. Thus, it was observed that psychodrama not only helps in the elaboration of internal conflicts, but also strengthens the construction of authorship of thought, expanding the field of the possible and thinkable in the subjects. Therefore, psychodrama stands out as an approach that integrates emotion, body and symbolic language, being especially useful in psychopedagogical practices focused on sensitive listening, welcoming and promoting meaningful learning.

**Keywords:** Psychodrama; Autobiographical narrative; Psychopedagogy; Creativity; Spontaneity.

## INTRODUÇÃO

O psicodrama, articulado por Moreno (1993), surge como uma proposta inovadora que agrega teatro, psicologia e sociologia. Ao embrenhar-se o conceito de dramatização como método terapêutico e pedagógico, Moreno propõe uma abordagem centrada na ação e no encontro, com forte ênfase na espontaneidade e criatividade humanas. Após incorporar o conceito de dramatização como forma dinâmica de atuação terapêutica e pedagógica, Moreno propõe uma abordagem orientada para a ação, a experiência e unificação, sob o fundo motor da espontaneidade criativa do eu. Nesse sentido, tal dimensão se torna relevante dentro do escopo psicopedagógico, por dar conta de expressar conflitos, reconstruir a representação social de si e autoria do pensamento, por meio das narrativas autobiográficas.

O psicodrama criado por Moreno ao começo do século XX propõe uma abordagem terapêutica e educativa em ação, vivência da espontaneidade e espalhe de conflitos internos e volume social. Sendo, a inovação psicomotora parece durar a substituição do discurso verbal pela maneira concreta biograficamente experiência, estava em um palco simbólico. E esse modelo no mercado se tornar natural ao atual reordenar-se em áreas como psicopedagogia, para incluso o reclame da história por você e entre ser criativo reprimido.

Moreno (1993) compreende o ser humano como dotado, desde o nascimento, de três recursos inatos: espontaneidade, criatividade e sensibilidade. Contudo, fatores sociais, culturais e institucionais frequentemente inibem ou distorcem esses potenciais. A partir desse diagnóstico, o psicodrama surge como uma prática que visa restaurar a vitalidade do sujeito, por meio de técnicas como o duplo, o espelho e a inversão de papéis. Tais técnicas, ao serem aplicadas em contextos clínicos ou educacionais, promovem o autoconhecimento e o fortalecimento das relações interpessoais.

As obras pesquisadas do autor e dentre outros sobre Psicodrama e das Narrativas Autobiográficas, aprofunda esses princípios ao articulá-los com as práticas narrativas e autobiográficas. O autor propõe que as histórias de vida dramatizadas permitem uma resignificação dos papéis desempenhados ao longo do tempo, promovendo reflexões profundas sobre si mesmo e as relações com o outro. Trata-se de um convite ao reencontro com a subjetividade e à reconstrução simbólica da experiência vivida.

No campo da psicopedagogia, de acordo com os autores como: Almeida (1991), Carvalho (2017), Rojas-Bermúdez (1980), Fernández (2001) e entre outros, o psicodrama oferece ferramentas valiosas para lidar com as dificuldades de aprendizagem e os entraves socioemocionais que comprometem os processos de aprendizagem. Ao integrar a linguagem simbólica, a expressão corporal e a escuta empática, o psicodrama favorece o acesso a conteúdos subjetivos que, muitas vezes, permanecem ocultos ou reprimidos nos métodos tradicionais de avaliação e intervenção psicopedagógica.



Além disso, a dramatização de narrativas autobiográficas pode ampliar o repertório expressivo de crianças, adolescentes e adultos, oferecendo um espaço seguro para a reconstrução de vínculos afetivos, a reparação simbólica de traumas e a emergência de novas possibilidades de ser e estar no mundo. Essa abordagem transforma o palco psicodramático em um território fértil para o desenvolvimento humano integral.

As oficinas psicopedagógicas, que combinam criatividade, expressão corporal e dramatização, exemplificam como o psicodrama pode ser adaptado para diferentes contextos e públicos. Nessas vivências, os sujeitos são convidados a ocupar ativamente o espaço, a construir personagens e enredos baseados na história, promovendo assim um movimento de dentro para fora, que rompe com o discurso pronto e abre espaço para a autenticidade (Fernández, 2001).

Um dos aspectos centrais da teoria moreniana é a Matriz de Identidade, conceito que descreve o espaço simbólico pré-existente à chegada do bebê, composto pelas expectativas e projeções dos adultos. Essa matriz influencia a constituição do eu e serve de base para os papéis sociais e psicodramáticos que o sujeito irá desenvolver. O trabalho psicodramático, ao revisitar essa matriz, permite a reconfiguração dos papéis e a ampliação da consciência de si e do outro.

Outro conceito importante é o de Tele, definido por Moreno como a capacidade de perceber e se conectar genuinamente com o outro. No psicodrama, o fortalecimento do fator Tele é essencial para a criação de encontros verdadeiros, nos quais a empatia e o reconhecimento mútuo podem florescer. Essa dimensão relacional é fundamental para o trabalho psicopedagógico, pois possibilita a construção de vínculos significativos entre ensinante e aprendiz.

A utilização do psicodrama em contextos de formação docente ou terapias didáticas com psicopedagogos, revela o potencial da abordagem para promover a escuta, o diálogo e a aprendizagem reflexiva. Ao dramatizar situações profissionais ou experiências de aprendizagem, os participantes são convidados a sair do papel de reprodutores e a se tornarem autores das práticas e trajetórias.

Dessa forma, este artigo propõe uma reflexão sobre os principais fundamentos do psicodrama e a articulação com as narrativas autobiográficas, destacando a relevância para a psicopedagogia contemporânea. Por meio, da revisão bibliográfica de livros e artigos científicos, busca-se evidenciar como o psicodrama contribui para a constituição da autoria de pensamento, a resignificação das experiências subjetivas e a promoção de processos educativos mais humanos, sensíveis e integradores.

## METODOLOGIA

A presente investigação adota como metodologia a revisão bibliográfica, tendo como fonte principal livros e artigos científicos sobre Psicodrama e Narrativas Autobiográficas. Os materiais foram analisados qualitativamente, com foco na extração e interpretação de conceitos-chave, fundamentos teóricos e relatos de práticas clínicas e educativas envolvendo o uso do psicodrama.

A presente pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, conforme os critérios estabelecidos por Lakatos e Marconi (2003), cuja finalidade é “proporcionar o exame de uma temática sob a ótica de diferentes autores e escolas de pensamento, identificando avanços e lacunas no campo estudado” (p. 183). Este estudo tem por base a análise dos livros e dos artigos científicos em Psicodrama e Narrativas Autobiográficas, buscando compreender os fundamentos teóricos do psicodrama e a relação com a psicopedagogia.

Segundo os autores, “a pesquisa bibliográfica abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas até documentos eletrônicos” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 151). No presente trabalho, esse tipo de pesquisa é apropriado por permitir um levantamento teórico aprofundado sobre os conceitos de psicodrama, espontaneidade, criatividade, Matriz de Identidade, Tele e narrativa autobiográfica, bem como as aplicações na prática psicopedagógica.

As obras selecionadas como fonte principal da análise foi sistematicamente lida, fichada e interpretada conforme os procedimentos recomendados para estudos teóricos. Lakatos e Marconi



(2003) destacam que “a pesquisa bibliográfica não se limita à simples repetição do que foi dito, mas exige espírito crítico e interpretação pessoal” (p. 155). Desse modo, os conteúdos foram organizados de forma a construir uma análise reflexiva sobre a contribuição da abordagem psicodramática ao campo psicopedagógico.

A escolha da revisão bibliográfica como método justifica-se também pelo fato de que o psicodrama, sendo uma prática fundada em bases filosóficas e teóricas, exige uma compreensão conceitual prévia para que se avaliem as implicações e alcances. Como destacam os autores, “a pesquisa bibliográfica é o primeiro passo de toda investigação científica, pois fornece os subsídios necessários para o desenvolvimento de qualquer trabalho” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 151).

Além das obras principais de Moreno, foram considerados textos de apoio de autores que citam Moreno, como Gonçalves, Almeida e Rojas-Bermúdez, que contribuíram para a construção dos conceitos psicodramáticos clássicos. Esta estratégia de ampliação das fontes está de acordo com a observação de Lakatos e Marconi (2003) de que “o pesquisador deve buscar obras fundamentais e complementares, para alcançar uma visão ampla e fundamentada” (p. 157).

Portanto, a metodologia utilizada neste artigo fundamenta-se na leitura crítica e analítica de uma obra de referência, com o intuito de identificar categorias conceituais e práticas psicodramáticas relevantes ao campo da psicopedagogia. A abordagem bibliográfica adotada confere ao estudo a densidade teórica necessária para compreender as interações entre narrativa, dramatização e aprendizagem, conforme propõe a tradição moreniana.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo permitiu identificar quatro eixos estruturantes do psicodrama: (1) sua base filosófica e ética, influenciada pela espiritualidade judaica e pela filosofia existencialista; (2) a teoria dos papéis e da ação; (3) as técnicas psicodramáticas (duplo, espelho e inversão de papéis); e (4) sua aplicação em contextos clínicos e educacionais, sendo que dos quatro eixos estruturantes o artigo abordará os três últimos.

A dramatização de narrativas autobiográficas se destaca como recurso de escuta, expressão e reconstrução subjetiva. Em contextos clínico-terapêuticos, possibilita que o sujeito dramatize vivências passadas, reinscrevendo-as simbolicamente, o que contribui para a elaboração socioemocional e o fortalecimento da identidade. Já no campo educacional, a técnica estimula a criatividade, a cooperação e a empatia, favorecendo processos de aprendizagem significativos.

[...] parte do participante que proporciona a cena. Situar o próprio corpo em relação aos objetos recordados do passado é um facilitador da emergência dos afetos e dos sentidos que poderiam estar sepultados, impedindo que aquelas situações se fizessem pensáveis e, portanto, deixando-as fora da possibilidade de historiá-las, ou perfurando e desgarrando o tecido autobiográfico necessário (Fernández, 2001, p. 67).

Sendo assim, a teoria da Matriz de Identidade, concebida por Moreno (1993), destaca-se como chave explicativa para o desenvolvimento dos papéis sociais e psicodramáticos. A articulação com o conceito de Tele — a capacidade empática e relacional inata — oferece subsídios para o trabalho psicopedagógico centrado na intersubjetividade e na escuta sensível.

A análise das obras sobre Psicodrama e Narrativas Autobiográficas permitem compreender como o psicodrama transcende o uso original como método terapêutico para se consolidar também como uma ferramenta potente, no campo da psicopedagogia. A dramatização de vivências autobiográficas possibilita o reencontro do sujeito consigo mesmo e com a própria história.

Uma das principais contribuições da abordagem psicodramática está na capacidade de reconectar o sujeito à espontaneidade e a criatividade, elementos centrais da teoria moreniana. Como



destaca Gonçalves et al. (1988, p. 68), “a espontaneidade é a capacidade de agir de modo adequado diante de situações novas, criando respostas inéditas”.

A partir do trabalho de Gonçalves (1988) e Fernández (2001), observa-se que o uso das narrativas de vida dramatizadas em contextos educacionais amplia as possibilidades de construção de sentido e de autoria de pensamento. Essas vivências não apenas mobilizam conteúdos afetivos, mas também favorecem aprendizagens duradouras e significativas.

No impacto, a imagem visual tem mais força de verdade do que a palavra. Esta deixa mais espaço para a pergunta. Quando digo "penso isso", não quer dizer "isso é assim". Precisamente, este é o lugar onde me incluo diferente daquilo. Incluo-me com a pergunta. "Eu penso" seria, em última instância, o mesmo que estou me perguntando. Deixa aberta a possibilidade destas coisas, isto é, abre (Fernández, 2001, p. 70).

Um dos conceitos centrais que fundamenta essa prática é a Matriz de Identidade. Segundo Gonçalves et al. (1988, p. 71), trata-se do “lugar preexistente, modificado pelo nascimento do sujeito, que é o ponto de partida para o seu processo de definição como indivíduo”. Esse espaço simbólico é revivido e reinterpretado na dramatização. A dramatização permite ao sujeito entrar em contato com papéis assumidos ao longo da vida, reelaborando experiências, crenças e emoções. A encenação proporciona, assim, uma “ação consciente sobre o inconsciente”, nos termos de Rojas-Bermúdez (1980). Portanto, observa-se a eficácia das oficinas com adultos e crianças, nas quais histórias conhecidas são reinterpretadas pelos participantes com elementos das vivências. Esse movimento gera um campo simbólico fértil para a elaboração socioemocional e o fortalecimento do eu.

De acordo com Almeida (1991, p. 36), o psicodrama nasce da fusão entre o teatro, a filosofia e a medicina, consolidando-se como uma abordagem que permite “reconhecer o sujeito em sua totalidade, em constante relação com o outro e com o mundo”. Essa visão integradora é essencial na prática psicopedagógica. Pois, a prática com adultos, especialmente psicopedagogos em formação, como descrita por Fernández (2001), mostra que os jogos dramáticos contribuem para a expansão do pensamento reflexivo e para a resignificação de experiências profissionais e pessoais. A autora afirma que “mais importante que fazer alguém pensar algo não pensado, é permitir que amplie o âmbito do pensável” (p. 102).

Nos contextos de aprendizagem, o psicodrama atua como espaço de escuta e experimentação. Os participantes são convidados a explorar diferentes versões de si mesmos e a experimentar emoções em um ambiente seguro, onde “fantasia e realidade coexistem de forma simbólica e terapêutica” (Carvalho, 2017, p. 108).

Ao trabalhar com o sujeito aprendente, a psicopedagogia não pode deixar de pensá-lo como devir, situando-o em tempo e história. Por história, não necessariamente precisamos entender linearidade. Piera Aulagnier outorga-nos uma luminosidade para certas questões necessárias à psicopedagogia. Uma de suas ideias, a de construir-se um passado como trabalho psíquico na adolescência, é-nos muito mais próxima da psicopedagogia do que o modo habitual que tínhamos de pensá-la, como um momento de elaboração de lutos (Fernández, 2001, pp. 74-75).

Sendo assim, a técnica do duplo, por exemplo, se mostra eficaz em situações em que o sujeito não consegue expressar verbalmente o sofrimento ou desejo. Conforme Monteiro (apud Gonçalves et al., 1988), o duplo atua como “porta-voz do inconsciente”, verbalizando o não-dito e promovendo a integração de aspectos fragmentados do self. Pois, o uso dessa técnica é recomendado quando o protagonista apresenta dificuldades ou impossibilidade de se expressar verbalmente. Nessa situação, o ego auxiliar deve ser capaz de captar, com sensibilidade tética, os sentimentos, emoções e necessidades do protagonista, reproduzindo a postura corporal, gestos e intenções com fidelidade. Segundo Monteiro (1993), a fala do ego auxiliar, ao atuar como duplo, tem caráter interpretativo, mas jamais deve se transformar em confronto ou assumir interpretações que não representem



genuinamente o que o protagonista desejaria comunicar. Quando bem realizada, a intervenção do duplo é validada pelo protagonista. Uma forma simbólica do ego auxiliar sinalizar que está atuando como duplo consiste em posicionar-se ao lado do protagonista e colocar a mão sobre o ombro, gesto que indica aliança e sintonia socioemocional. Para Moreno (2006), essa técnica pode, inclusive, permitir acessos profundos aos estados inconscientes do protagonista, assim como proporcionar uma conexão mútua, em que o protagonista também capta inconscientemente aspectos do terapeuta em sintonia com ele. Mesmo quando não utilizada formalmente em sessões dramatizadas, essa técnica se manifesta implicitamente no atendimento psicopedagógico clínico. Muitas vezes, o psicopedagogo, ao entrar em sintonia com o aprendente, realiza interpretações das ações ou comportamentos e verbaliza aquilo que possivelmente o sujeito gostaria de expressar, funcionando como um duplo no plano da escuta sensível e empática.

O protagonista é desafiado a responder, com um certo grau de adequação, a uma nova situação ou, com uma certa medida de novidade, a uma antiga situação [...] a fim de mobilizá-las e dar-lhes forma, necessitam de um transformador e catalizador, uma espécie de inteligência que opera aqui e agora, hic et nunc, a espontaneidade... opera não só na dimensão das palavras, mas em todas as outras formas de expressão, como a atuação, a interação, a fala, a dança, o canto e o desenho (Moreno, 2006, pp. 36-37).

Já no que tange, o uso do espelho, contribui para o aumento da autopercepção. O protagonista observa a si mesmo sendo representado por outro, em uma “encenação que reflete a conduta, emoções e discursos” (Rojas-Bermúdez, 1980). Essa técnica é especialmente útil com adolescentes e adultos.

Diante do exposto, não se pode deixar de mencionar a inversão de papéis, pois promove uma experiência profunda de empatia. Ao ocupar o lugar do outro, o sujeito vivencia os sentimentos e perspectivas alheias, ampliando a capacidade de compreensão relacional. Essa técnica, conforme Moreno (apud Gonçalves et al., 1988), permite “a comunicação entre inconscientes”.

Em oficinas psicopedagógicas com crianças, o uso de fantoches e dramatizações de histórias infantis leva os participantes a se expressarem de modo lúdico e criativo. Tais recursos servem como mediadores simbólicos entre o mundo interno da criança e o espaço relacional do grupo. Como por exemplo: um caso em que a criança reescreve o final da história dos Três Porquinhos, inserindo a figura do pai como elemento de acolhimento e proteção. A modificação do enredo revela desejos inconscientes e promove uma nova organização psíquica da vivência familiar. A criança ou adolescente ocupa com o corpo um espaço, habita esse espaço criando “residências provisórias”. O psicodrama potencializa o poder estruturante que o desenhar possui, pois quando uma criança desenha, ela habita a folha de papel, ela se situa nessa folha, quando ela dramatiza ela ocupa um espaço e desenha uma sequência com o próprio corpo. “Aprender supõe conhecer e conhecer supõe conhecer-se conhecendo: reconhecer-se” (Fernández, 2001, p. 75).

A abordagem também se mostra eficaz em atendimentos clínicos conjuntos entre pais e filhos. Féo (1990) defende que o trabalho ambulatorial conjunto favorece a compreensão mútua e o desenvolvimento de vínculos mais saudáveis, ao colocar em cena afetos e expectativas de ambas as partes.

Cabe destacar, a utilização de jogos dramáticos nos grupos de formação proporciona, segundo Fernández (2001), um espaço de aprendizagem afetiva e cognitiva. A autora ressalta que brincar e dramatizar são formas de “recordar o esquecido, suportar sofrimentos e reconstruir sentidos”.

As obras analisadas evidenciam que o psicodrama favorece a reconstrução de narrativas fragmentadas e a reorganização simbólica das experiências vividas. Essa reorganização é essencial para a superação de bloqueios socioemocionais e cognitivos. Ou seja, a partir do ponto de vista sociométrico, o psicodrama também contribui para o mapeamento das relações interpessoais e das afinidades grupais, oferecendo ao psicopedagogo uma ferramenta poderosa para compreender as



dinâmicas institucionais. Pois, o palco psicodramático, por ser um espaço simbólico e protegido, permite que os participantes experimentem novas possibilidades de ação, sem as consequências reais dos atos. Assim, cria-se um espaço de ensaio para o real, como propõe Moreno.

A teoria dos papéis, amplamente discutida por Gonçalves et al. (1988), fundamenta a prática psicodramática, pois permite ao sujeito revisitar, ampliar e criar papéis. Esse processo é central para o desenvolvimento da subjetividade e da autonomia no aprender.

Sendo assim, a dramatização de cenas da vida cotidiana, proposta pelos autores, permitem que os participantes revisitem conflitos interpessoais, reencenando-os sob nova perspectiva. Esse processo favorece a ressignificação de experiências dolorosas e o fortalecimento de estratégias de enfrentamento mais saudáveis.

Segundo Almeida (1991), Moreno apostava na capacidade transformadora do ato criador como expressão da espiritualidade humana. Para ele, “criar é repetir o ato da criação divina”, guardadas as devidas considerações, o que mostra o valor atribuído à criatividade como fundamento terapêutico e existencial. A criatividade, ao lado da espontaneidade, constitui o cerne do trabalho psicodramático. Essas qualidades são muitas vezes inibidas por estruturas educacionais rígidas. O psicodrama oferece, assim, um espaço simbólico de libertação, no qual a subjetividade pode florescer.

A relação entre corpo e linguagem simbólica é outro ponto forte da abordagem psicodramática. O corpo em movimento, em ação dramática, expressa aquilo que a palavra por vezes silencia. Como aponta Carvalho (2017, p. 12), “no jogo dramático, a realidade não é temida, é provocada”. Essa provocação simbólica permite que emoções como raiva, medo e tristeza encontrem vazão segura e estruturada. No espaço cênico, o sujeito pode reviver sem se perder, experimentar sem se ferir, elaborar sem negar.

O trabalho em grupo potencializa o efeito terapêutico e pedagógico do psicodrama. O auditório se torna testemunha e coautor da experiência do protagonista. Como observa Rojas-Bermúdez (1980), o grupo constitui um “espaço de espelhamento e contenção”. A vivência grupal amplia a percepção do sujeito sobre si e sobre os outros. A ressonância socioemocional entre os membros do grupo cria um campo fértil para o autoconhecimento e a empatia. Essas qualidades são essenciais em contextos psicopedagógicos.

O aquecimento, etapa inicial da sessão psicodramática, é essencial para preparar os participantes socioemocional e fisicamente. De acordo com Gonçalves et al. (1988), o aquecimento pode ser inespecífico, voltado à sensibilização geral, ou específico, focado na dramatização a ser realizada. Durante o aquecimento, é comum que surjam temas relevantes de forma espontânea, os chamados “emergentes grupais”. O psicopedagogo atento pode identificar, nesses conteúdos, pistas valiosas sobre os processos de aprendizagem e subjetivação dos participantes. A emergência do protagonista, seja individual ou grupal, define o foco da dramatização. Em muitos casos, o tema encenado é coletivo, o que dá origem ao sociodrama. Essa modalidade, segundo Moreno (1993), permite o trabalho com temas sociais e institucionais mais amplos.

No contexto escolar, o psicodrama revela-se uma estratégia pedagógica e terapêutica eficaz na mediação de conflitos, na promoção da inclusão e no fortalecimento de valores como empatia, cooperação e respeito às diferenças. A proposta moreniana, ao privilegiar a ação dramática como forma de expressão subjetiva e de transformação relacional, favorece intervenções educativas que vão além da mera transmissão de conteúdos, alcançando as dimensões afetivas e sociais do processo de aprendizagem. A dramatização de situações reais ou simbólicas vivenciadas pelos estudantes possibilita a elaboração de tensões latentes no ambiente escolar. Ao encenar cenas de conflito, discriminação ou incompreensão entre pares, os estudantes são convidados a assumir papéis diversos — inclusive os daqueles com os quais não se identificam inicialmente —, o que promove o desenvolvimento da empatia e da tomada de perspectiva. Essa inversão simbólica de papéis amplia a compreensão das múltiplas realidades presentes no espaço educativo e contribui para a construção de vínculos mais solidários.



Além disso, o psicodrama oferece um espaço seguro de experimentação, no qual o erro, o imprevisto e a reinvenção são não apenas permitidas, mas incentivados como elementos de aprendizagem. A liberdade expressiva da dramatização permite que os sujeitos, muitas vezes silenciados em dinâmicas tradicionais de ensino, encontrem voz e protagonismo. Isso se torna especialmente relevante para estudantes em situação de vulnerabilidade, que passam a se reconhecer e serem reconhecidos na singularidade.

No atendimento psicopedagógico individual, o psicodrama favorece o acesso às dimensões inconscientes da aprendizagem. Dificuldades escolares podem ser encenadas, ressignificadas e enfrentadas de forma simbólica, promovendo a reconstrução da relação do sujeito com o saber. O uso de objetos intermediários, como fantoches, desenhos e materiais recicláveis, amplia a expressividade dos sujeitos, especialmente com crianças. Esses recursos funcionam como pontes entre o mundo interno e a realidade externa.

A estrutura de uma sessão psicodramática (aquecimento, dramatização e comentários) oferece um modelo organizador que favorece a elaboração socioemocional. Nos comentários, o grupo compartilha as impressões e aprendizados, promovendo integração e reflexão coletiva. Isto é, para Fernández (2001) aponta que a dramatização contribui para a constituição da autoria de pensamento, ao permitir que o sujeito se reconheça como autor da narrativa e agente da história. Essa perspectiva é fundamental na psicopedagogia clínica.

A narrativa dramatizada produz deslocamentos psíquicos significativos. O sujeito deixa de ser apenas objeto de diagnósticos ou intervenções e passa a protagonizar a trajetória, podendo reconstruí-la sob novas lentes. Em termos psicopedagógicos, essas técnicas favorecem o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, autorregulação e mudança de perspectiva. Tais habilidades são essenciais para o processo de aprendizagem e convivência escolar.

Ademais, a repetição simbólica de papéis permite que o sujeito vivencie diferentes posições e compreenda melhor os conflitos que enfrenta. Isso amplia o repertório comportamental e socioemocional, contribuindo para escolhas mais conscientes e maduras. Portanto, o psicodrama possibilita também a desconstrução de conservas culturais que limitam a expressão do sujeito. Como observa Almeida (1991), a sociedade tende a engessar comportamentos, promovendo a repetição em detrimento da criação.

Ao propor a revolução criadora, Moreno sugere uma ruptura com padrões obsoletos e o resgate da espontaneidade como caminho para a saúde mental. Essa proposta é altamente compatível com os objetivos psicopedagógicos de autonomia e autoria. Sendo assim, a psicopedagogia, ao incorporar o psicodrama, amplia as possibilidades de atuação, pois passa a considerar não apenas o conteúdo cognitivo, mas também os aspectos afetivos, relacionais e simbólicos da aprendizagem, por meio de mais um recurso psicopedagógico. Isso remete, também, ao trabalho com narrativas autobiográficas dramatizadas, que permitem ao psicopedagogo acessar conteúdos latentes que impactam diretamente o processo de aprender, tais como sentimentos de inadequação, medo de errar e experiências de fracasso. Essas vivências podem ser reelaboradas no palco simbólico, que o sujeito tem a oportunidade de “reensaiar” novos papéis e experimentar sucessos simbólicos que podem ser traduzir, posteriormente, em mudanças concretas na vida.

Contudo, a escuta sensível, o olhar clínico e a condução ética do processo são essenciais para que o psicodrama produza efeitos positivos. A formação do psicopedagogo nessa perspectiva deve incluir vivência pessoal e supervisão qualificada. Como destaca Carvalho (2017), o palco é um espaço transicional, que fantasia e realidade se entrelaçam, permitindo que “o paciente se encontre com partes de si mesmo e de outros sujeitos, reais ou ilusórios” (p. 108). Ao assumir uma abordagem psicodramática, o psicopedagogo compromete-se com uma visão integral do sujeito, que reconhece a importância da corporeidade, da sensibilidade e da expressão simbólica como dimensões do aprender.

O psicodrama, portanto, não é apenas uma técnica, mas uma filosofia de intervenção centrada no sujeito em relação. Ele promove não apenas a compreensão, mas também a



transformação da realidade interna e relacional. Todavia, a prática psicodramática, articulada às narrativas autobiográficas, representa uma importante ferramenta na psicopedagogia, ao permitir que o sujeito assuma a autoria da história e reconfigure as formas de aprender e viver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O psicodrama, ao integrar ação, linguagem simbólica e relações interpessoais, propicia um espaço de aprendizagem e transformação que extrapola os limites da clínica tradicional. A partir das contribuições dos livros e artigos científicos analisados, evidencia-se que as narrativas autobiográficas dramatizadas permitem não apenas a expressão socioemocional, mas também o fortalecimento da autoria de pensamento, fundamental à constituição do sujeito aprendente. A utilização na psicopedagogia representa um caminho potente de escuta, intervenção e ressignificação de histórias de vida.

A análise do psicodrama, a partir dessas obras e do referencial teórico de Moreno e os continuadores, evidencia a profundidade e a abrangência dessa abordagem em contextos terapêuticos, educacionais e psicopedagógicos. A proposta central, de integrar ação, emoção, pensamento e simbolização, oferece ao sujeito a possibilidade de ressignificar vivências e desenvolver novos modos de ser, agir e aprender.

A dramatização de narrativas autobiográficas, especialmente em contextos grupais, mostrou-se um recurso poderoso para acessar memórias, afetos e papéis internalizados, promovendo reorganizações psíquicas e relacionais significativas. Esse tipo de intervenção permite que o sujeito vá além da simples lembrança, colocando-se em movimento diante da própria história. O palco psicodramático torna-se um espaço que a realidade é provocada, e não temida, favorecendo a reconstrução de si e do outro.

O psicodrama, como instrumento de escuta e expressão simbólica, favorece o desenvolvimento da autoria de pensamento, conceito fundamental na psicopedagogia clínica contemporânea. Essa autoria se constitui quando o sujeito é capaz de criar respostas diante dos desafios da vida, superando as conservas culturais que o limitam. Nesse sentido, o trabalho psicodramático contribui para a construção de uma subjetividade mais integrada, crítica e criativa.

As técnicas básicas — duplo, espelho e inversão de papéis — assim como a estrutura da sessão psicodramática, são recursos altamente adaptáveis a diferentes faixas etárias e contextos institucionais. Seja no atendimento clínico individual, em oficinas psicossocioeducativas ou em intervenções grupais, essas técnicas ampliam o acesso à linguagem simbólica e promovem vivências que transformam o sofrimento psíquico em aprendizado e crescimento.

Ao integrar os fundamentos do psicodrama à prática psicopedagógica, amplia-se a compreensão da aprendizagem como processo biopsicossocial, afetivo e simbólico. Isso reforça a necessidade de abordagens transdisciplinares que respeitem a complexidade do sujeito aprendente e que valorizem a escuta, a criatividade e o vínculo como pilares do processo educativo.

Portanto, o psicodrama, quando articulado às narrativas autobiográficas, constitui uma abordagem potente e sensível para a intervenção psicopedagógica. Ele favorece a emergência do sujeito na singularidade, acolhe as histórias e oferece meios simbólicos para a transformação. Como disse Moreno, “a ação cura” — e, quando essa ação é acompanhada de escuta e consciência, ela também ensina, ressignifica e liberta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, W. C. de. *Moreno: encontro existencial com as psicoterapias*. São Paulo: Ágora, 1991.



CARVALHO, W. N. dos S. G.; ONATIVIA, A. C. *Jogos dramáticos e aprendizagem: um recurso educacional*. In: AZEVEDO, C.; NETO, J. C. de S. (Orgs.). *Narrativas de práticas de mediação e construção do sujeito*. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2017.

FÉO, M. de S. Atendimento Conjunto Pais-Criança: uma proposta de trabalho ambulatorial. In: *Psicodrama nas instituições*. Luiza Cristina de Azevedo Ricotta (org.). São Paulo: Ágora, 1990. (Cadernos de Psicodrama: v. 1).

FERNÁNDEZ, A. O sujeito autor como autobiógrafo. In: FERNÁNDEZ, A. *Os idiomas do aprendente*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERNÁNDEZ, A. *Psicopedagogia em Psicodrama*. Morando no Brincar. 3. ed. Petrópolis RJ.: Vozes, 2001.

GONÇALVES, C. S. et al. *Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno*. São Paulo: Ágora, 1988.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MONTEIRO, L. R. *Psicodrama: um teatro terapêutico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

MORENO, J. L. *Psicodrama*. Cultrix, 2006.

MORENO, J. L. *Psicoterapia De Grupo E Psicodrama - Introdução À Teoria E À Prática*. Psy; 1ª edição, 1993.

ROJAS-BERMÚDEZ, J. G. *Introdução ao psicodrama*. Tradução do Dr. José Manoel D'Alessandro. 3. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1980.

*Submetido em mês de dezembro 2024*

*Aprovado em mês de maio 2025*

#### **Informações do (a) (s) autor(a)(es)**

Nome do autor: Claudio Neves Lopes

Afiliação institucional: Universidade Santo Amaro (UNISA)

E-mail: [cnlopes@prof.unisa.br](mailto:cnlopes@prof.unisa.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1411-0174>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9077468651694064>

#### **Informações do (a) (s) autor(a)(es)**

Nome segundo autor Afiliação: Vera Lúcia Oliveira Ponciano

Afiliação institucional: Universidade Santo Amaro (UNISA).

E-mail: [veraponciano@gmail.com](mailto:veraponciano@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0099-0839>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0129211583987754>